

JORNAL: Revista Leitura LOCAL: Quamabara

DATA: 103 1961 AUTOR: Marc Berkowitz

TÍTULO: Notas e Comentários

ASSUNTO: Ivan visitado por Rafael Esquivru  
crítico argentino (gostou)

tão próxima. Pois até os mais renitentes torcedores do far-west conseguirão vibrar com algumas seqüências: os homens brigam de fato, e toda a caminhada pela caatinga, com movimentos de câmara que chegam a lembrar *Raxomom*, é do melhor cinema.

Dois outros valores positivos são a cinegrafia e os diálogos. Toni Rabattoni, o diretor de cinegrafia, começou, tristemente, em 1954, com *Ai Vem o General* e *Queridinha de Meu Bairro*, filmecinhos muito justamente já esquecidos. Há pouco, porém, diplomou-se com *Cidade Ameaçada*. E, aqui, trabalhando em cores, faz uma cinegrafia de padrão internacional. Quanto aos diálogos, são de Francisco Pereira da Silva, um dos valores mais legítimos da nova geração teatral brasileira. Em comparação com os melancólicos diálogos de Raquel de Queiroz para *O Cangaceiro*, eles se agigantam como dos mais preciosos que temos tido em nosso cinema. Os deslizes são poucos, desaparecendo na validade do conjunto. Em geral, as piores falas cabem ao beato (Jean Laffront), por coincidência a figura mais fraca do elenco, com uma caracterização que parece saída de qualquer espetáculo escolar de fim de ano.

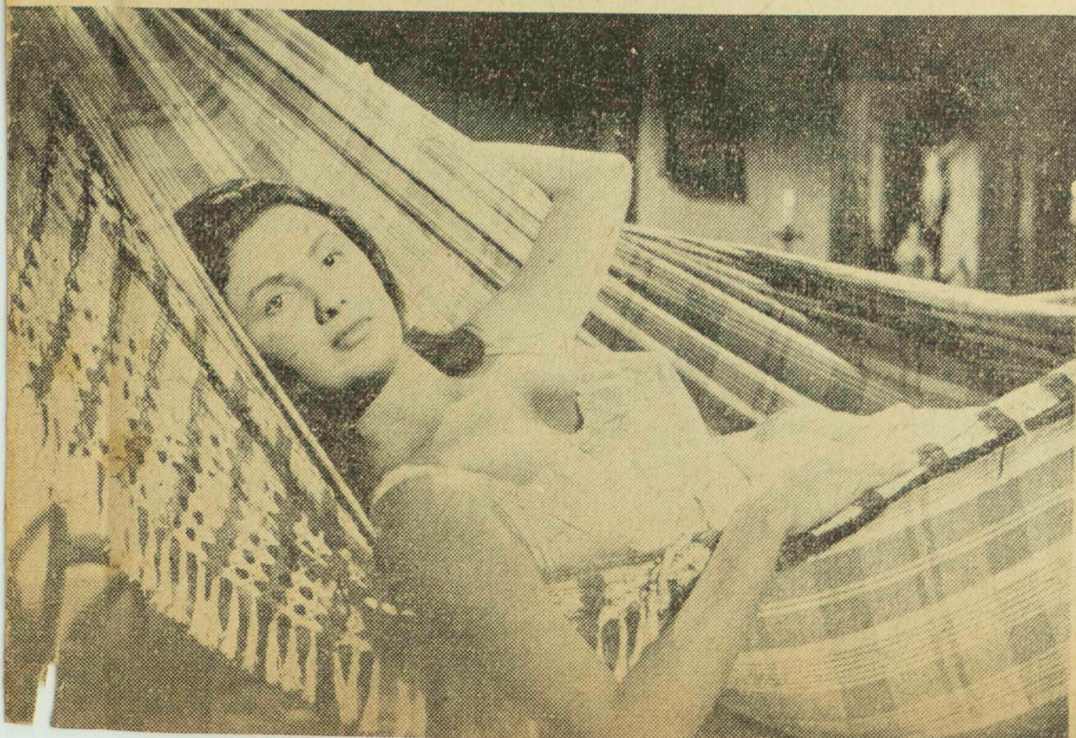
Por mais respeito que mereça Lima Barreto, devo dizer, também, que achei melhor, no conjunto, a direção de atôres de Carlos Coimbra. Milton Ribeiro, presente nos dois filmes, pode servir como ponto de referência, a esse respeito. E não há aqui as quedas bruscas tão prejudiciais ao todo da importantíssima obra de Lima Barreto.

Alberto Ruschel, com sua voz gaúcha, nem tenta fazer sotaque nordestino; já Aurora Duarte, que nunca perdeu o sotaque pernambucano, é uma figura real. E reais são quase todos os coadjuvantes, com especial destaque para Edson França (Baraúna). Rute de Souza faz uma breve aparição, no papel de uma rezadeira. Aliás, *O Cangaceiro* também tinha rezas e profecias infalíveis. No próximo filme de cangaço, espero que alguém tenha a lembrança de exibir uma rezadeira falível: não é recomendável que o cinema contribua para a superstição das platéias.

Como em *O Cangaceiro*, há excesso de canções em *A Morte Comanda o Cangaco*, e nem todas são incorporadas ao filme com habilidade. Por outro lado, a partitura de Enrico Simonetti é tipicamente hollywoodiana.

No cômputo geral, entretanto, *A Morte Comanda o Cangaco* é um filme animador. Não penetra, como *O Cangaceiro* não penetrou, nas razões históricas e sociais do cangaço, e suas personagens são, repito, esquemáticas e superficiais. Mas é um filme limpo, honesto, o tipo do filme comercial de que o cinema brasileiro está precisado, na fase atual, às dúzias e dúzias. Filmes como este é que realmente lançarão as bases da indústria cinematográfica brasileira.

*Aurora Duarte numa cena do filme*



artes plásticas

Revista Leitura  
Março 1961

MARC BERKOWITZ

## Notas e Comentários

Finalmente, o Rio de Janeiro vai conhecer a escultura de FELICIA LEIRNER, artista residente em São Paulo, que está se destacando cada vez mais entre os escultores do Brasil. Lutando sem parar com os eternos problemas de matéria, forma e espaço, FELICIA LEIRNER conseguiu encontrar soluções próprias e pessoais, devido ao esforço constante e ao grande talento. FELICIA LEIRNER fará a sua primeira exposição individual no Rio, no MAM, ainda na primeira metade do ano, e participará também da mostra que está sendo organizada pela Galeria IBEU, intitulada "O Rosto e a Obra".

O MAM do Rio inaugurou uma exposição de Miniaturas e Pinturas da Índia, a mesma que já esteve exposta no MAM de São Paulo. As miniaturas antigas são maravilhosas, exemplos de uma tradição chegada ao auge, mas das pinturas — todas contemporâneas — quase nenhuma desperta a atenção. Ou são trabalhos diretamente influenciados pela Escola de Paris, ou então são adaptações também diretas das obras tradicionais.

### PETITE GALERIE

A "PETITE GALERIE" organizou mais duas mostras de seu acervo — ao todo foram três. A primeira, já comentada no número anterior, foi muito fraca. A segunda foi a melhor das três, tendo como expositores os pintores DOMENICO LAZZARINI, RUBEM VALENTIM, LOIO PERSIO e SHEILA BRANNIGAN, o gravador ROBERTO DE LAMONICA, o desenhista DAREL VALENÇA LINS e o escultor GIULIANO VANGI. Dos pintores, LAZZARINI e BRANNIGAN foram os melhores, o primeiro pela qualidade de sua pintura, bem realizada e bem organizada; a segunda sobretudo pelo vigor de seu talento, que transparece apesar das deficiências técnicas. VALENTIM possui talento, e uma certa ingenuidade bem brasileira, que lhe dá um cunho pessoal dentro da frieza da pintura geométrica, mas ainda falta uma afirmação mais positiva de seu caráter plástico. Quanto à PERSIO, é apenas uma pintura decorativa, sem substância nem personalidade. As gravuras de ROBERTO DE LAMONICA são trabalhos de um artista em plena evolução, que domina os problemas técnicos sem cair no falso virtuosismo e sem utilizar truques e subterfúgios. São concepções livremente abstratas, dramáticas e pessoais, com uma unidade estilística raramente encontrada num artista de sua idade. DAREL apresenta desenhos de cunho algo ilustrativo, de um traço cheio de autoridade, mas sem realmente fazer uma contribuição muito pessoal. Alguns trabalhos, obviamente já utilizados como ilustrações, com as correções de gouache feitas para a clichearia, não deviam figurar numa exposição. VANGI é uma esplêndida aquisição para o grupo tão reduzido de escultores bons residentes no Brasil. Seus trabalhos possuem um ritmo muito pronunciado, e um enorme dinamismo, imediatamente sentido. Muito louvável também o domínio técnico do material.